

# O IMPACTO DAS ÁGUAS

Relatos e memórias da implementação  
da resposta humanitária emergencial SJMR  
no Rio Grande do Sul (2024-2025)



# O IMPACTO DAS ÁGUAS

Relatos e memórias da implementação  
da resposta humanitária emergencial SJMR  
no Rio Grande do Sul (2024-2025)



Serviço  
Jesuíta a  
Migrantes e  
Refugiados  
BRASIL



JESUÍTAS BRASIL



Porto Alegre, 2025

## O Impacto das Águas — Relatos e memórias da implementação da resposta humanitária emergencial SJMR com o apoio de Entreculturas e Inditex no Rio Grande do Sul (2024-2025)

### Coordenação Institucional SJMR

Flavia Reis, **Diretora Nacional**  
Juliana Camelo, **Coordenadora de Projetos SJMR São Leopoldo**  
Luciana Saab, **Coordenadora de Projetos SJMR São Leopoldo (agosto 2025 – novembro 2025)**  
Elias Pereira Gertrudes, **Coordenador de Projetos SJMR São Leopoldo (outubro de 2022 - junho de 2025)**

### Concepção e elaboração de textos

Alana Mendes de Moura, **Analista Social Jr.**  
Gabriel Gerardo Lizarraga Arias, **Analista Social Jr.**  
Isadora Durgante Konzen, **Analista Social Plena**  
Julia Silveira Soares, **Analista Social Jr.**  
Juliana Camelo, **Analista Social Plena (até novembro 2025)**  
Luciana Saab, **Coordenadora de Projetos (agosto 2025 – novembro 2025)**  
Natália Caroline Vargas Granja, **Psicóloga**  
Vanessa Ruffatto Gregoviski, **Psicóloga**

### Revisão técnica

Flavia Reis, **Diretora Nacional**  
Juliana Camelo, **Coordenadora de Projetos**

Gleisom S. Pereira, **Analista Administrativo - RH**  
Luciana Saab, **Coordenadora de Projetos (agosto 2025 – novembro 2025)**  
Fabricio Braga Nunes, **Analista de Comunicação Jr.**  
Vanessa Ruffatto Gregoviski, **Psicóloga**  
Bárbara Soares Gomes, **Analista de Projetos Sênior**  
Ronaldo Maduro Vieira, **Analista de Monitoramento de Dados Sênior**

### Assessoria de Comunicação

Anna Beatriz Araújo Maciel dos Santos, **Analista de Comunicação**  
Fabricio Braga Nunes, **Analista de Comunicação Jr.**  
Luiz Alexandre de Paula Machado Guerra, **Analista de Comunicação**  
Monalisa Pereira da Silva Coelho, **Assessora de Comunicação Nacional**

### Projeto gráfico e diagramação

Niura Fernanda

### Revisão

Isabella Morais

### Impressão

Ideograf

O conteúdo deste relatório, incluindo as opiniões e conclusões expressas, não deve ser interpretado como refletindo a posição oficial da entidade financiadora.

134 O impacto das águas : relatos e memórias da implementação da resposta humanitária emergencial SJMR-Entreculturas-Inditex no Rio Grande do Sul (2024-2025) / [coordenação: Flávia Reis... et al.]. – Porto Alegre : Ideograf, 2026. 68 p. : il. ; 27 cm.

Inclui bibliografia.  
ISBN 978-65-5073-030-7

1. Assistência humanitária - Desastre ambiental. 2. Inundações - Rio Grande do Sul - 2024. 3. Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados. 4. Depoimentos. I. Reis, Flávia.

CDU 364.048.6(816.5)

*A todas as pessoas migrantes, refugiadas e brasileiras que tiveram suas vidas afetadas pelas inundações ocorridas no Rio Grande do Sul em maio de 2024, e a todos aqueles que uniram esforços para melhor acolher, amparar e apoiá-las.*



Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados

4

# Sobre o SJMR

O Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR) é uma obra da Companhia de Jesus no Brasil, especializada em migração, deslocamento forçado e refúgio. Presente em mais de 50 países, o SJMR tem beneficiado milhares de pessoas com a prestação de serviços gratuitos, intervenções emergenciais e garantia de direitos. Para alcançar essa missão, as atividades realizadas estão distribuídas entre cinco principais eixos de atuação: proteção, meios de vida, integração, incidência e pastoral.

No Brasil, atuamos em favor de um maior acolhimento e hospitalidade da sociedade brasileira aos migrantes e refugiados, por meio da promoção de sua dignidade e direitos e do acompanhamento de seu processo de inclusão e desenvolvimento de autonomia. As operações do SJMR na região sul do país datam de 2003 — a capital gaúcha sediou a operação local até o início de 2024, quando o endereço do escritório foi transferido para o campus da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), localizado na cidade de São Leopoldo. Essa mudança refletiu a crescente força operacional do SJMR Brasil na região, que conta com intensa presença de migrantes e refugiados, promovendo a expansão e a capilarização da atuação do serviço na área metropolitana de Porto Alegre. O trabalho do SJMR Brasil no Rio Grande do Sul se destaca pelo apoio à inserção laboral das comuni-

dades assistidas, aproveitando o robusto tecido empresarial e a alta demanda de trabalhadores na região, além do apoio a essa população através de ações voltadas à promoção de direitos sociais, à garantia de acesso ao sistema de proteção internacional e à regularização da situação documental.

No contexto das enchentes de 2024 e através da parceria firmada com Entreculturas e Inditex, essa atuação expandiu-se, ainda, para o apoio ao abrigamento de pessoas deslocadas pelas inundações no campus da Unisinos, à distribuição de itens de primeira necessidade às comunidades migrantes e refugiadas impactadas, ao suporte financeiro para a retomada profissional e à difusão de informações emergenciais qualificadas. O SJMR foi capaz de estender sua atuação para cidades da Serra Gaúcha e do Vale do Taquari, região particularmente afetada pelas enchentes, onde migrantes, refugiados e brasileiros receberam apoio humanitário e foram igualmente contemplados por serviços de integração socioeconômica, proteção e documentação oferecidos pela instituição.

O SJMR Brasil atua do norte ao sul do país, estando sediado na capital, Brasília, além de contar com presença em Boa Vista (RR), Manaus (AM), Belo Horizonte (MG) e São Leopoldo (RS).





Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados

6

# Presença institucional no Brasil

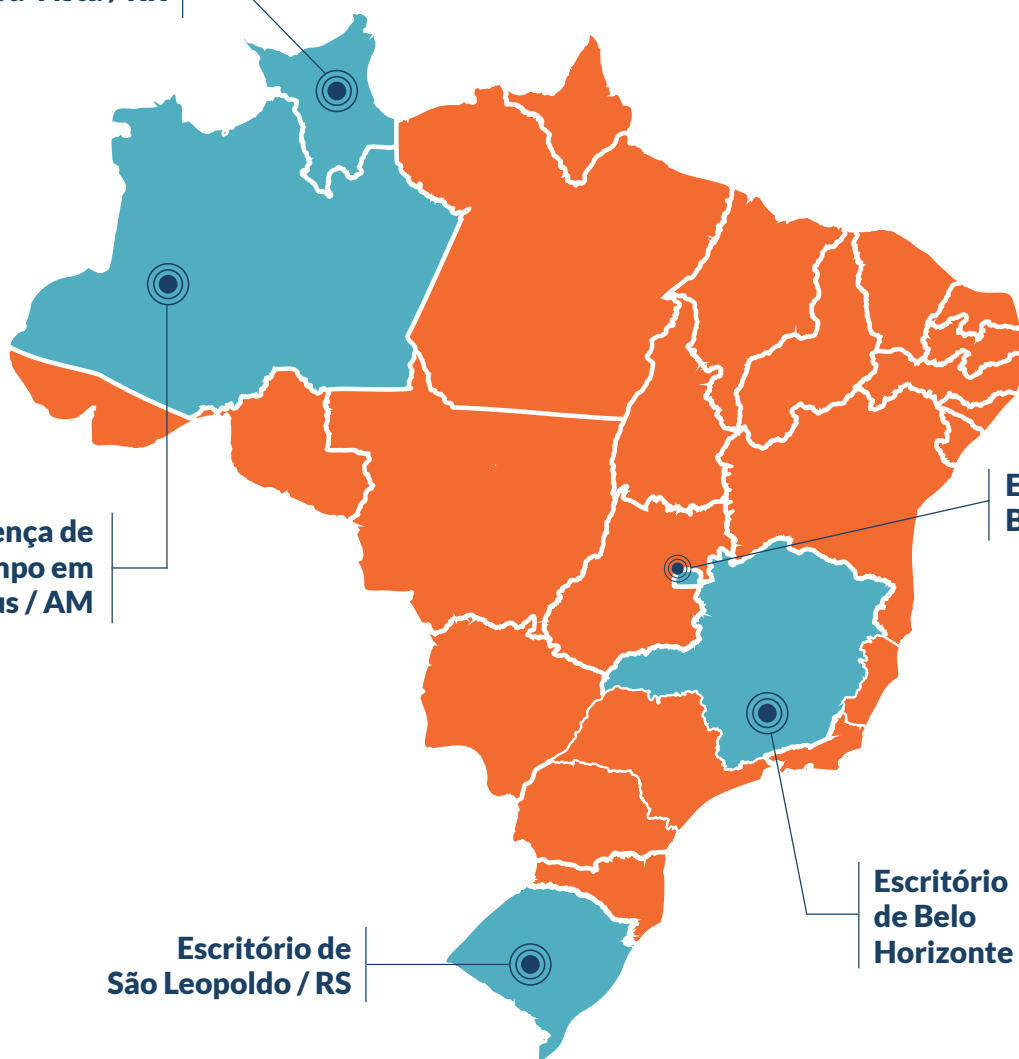
**Escritório de  
Boa Vista / RR**

**Presença de  
campo em  
Manaus / AM**

**Escritório de  
São Leopoldo / RS**

**Escritório de  
Brasília / DF**

**Escritório  
de Belo  
Horizonte / MG**



# Apresentação



Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados



Esta obra foi pensada como um registro das histórias e memórias de pessoas afetadas pelas inundações que atingiram o estado do Rio Grande do Sul a partir de maio de 2024, e de como suas trajetórias foram positivamente impactadas pela parceria firmada entre o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR) e a organização jesuíta espanhola Entreculturas para a implementação de uma resposta humanitária emergencial.

O projeto, intitulado *Respuesta de Emergencia – Inundaciones Rio Grande do Sul*, foi realizado ao longo de 18 meses, entre junho de 2024 e novembro de 2025. Ele foi desenhado com o objetivo de suprir tanto as demandas emergenciais relacionadas a perdas materiais – como a falta de abrigo, a insegurança alimentar e a necessidade de roupas e itens básicos para a subsistência – quanto as demandas de proteção, saúde mental e acesso a direitos e serviços públicos. Visando retomar o processo de integração socioeconômica de migrantes e refugiados na região, fortalecer os laços com a comunidade brasileira e valorizar os talentos dessa população, a estrutura do projeto incluiu também atividades voltadas ao desenvolvimento de autonomia financeira e das capacidades profissionais, com incentivo a em-

preendedores e oferecimento de aulas de português e formação técnica para o mercado de trabalho.

As inundações que cobriram o Rio Grande do Sul representaram um desafio particular em todos os aspectos – não somente os moradores do estado foram diretamente impactados, mas também a infraestrutura local e as capacidades de resposta das autoridades públicas sofreram graves danos. Nesse cenário, a colaboração entre variados setores sociais e a solidariedade se destacou como a principal estratégia de superação das dificuldades, assim como a formação de parcerias se mostrou inestimável no processo de reconstrução local. Neste espírito solidário, o projeto resultante da somatória de forças entre SJMR e Entreculturas chegou a beneficiar, direta e indiretamente, mais de seis mil pessoas migrantes, refugiadas e brasileiras que residem no Rio Grande do Sul e se viram forçadas a se deslocar pelo avanço das águas.

Nas próximas páginas estão descritas as atividades realizadas por meio da resposta emergencial implementada e relatadas histórias de resiliência, recomeço e, acima de tudo, esperança em um futuro seguro e próspero.



# SUMÁRIO

**12** | **Abertura:** relato da Reitoria Unisinos

**14** | Migração forçada e mudanças climáticas:  
histórias de coragem e reconstrução

**18** | Panorama regional: as chuvas de 2024

**24** | Vidas impactadas: relatos das enchentes

**27** | Cronologia da resposta emergencial  
SJMR-Entreculturas/Inditex

**28** | Áreas de atuação do projeto  
Distribuição de cartões  
Ação territorial e cuidado psicossocial  
Disseminação de informação

36

Intervenção humanitária da equipe de Proteção Jurídica e Documental a Migrantes e Refugiados na Enchente de 2024 no Rio Grande do Sul – Escritório SJMR São Leopoldo  
Atendimentos de apoio psicossocial

42

Saúde mental em contexto de emergência climática  
Retomada Profissional para empreendedores  
Empreender para recomeçar: autonomia e esperança após as enchentes  
Curso profissionalizante: LID e Metrologia  
Português como Língua de Acolhida  
Doação de roupas

56

Relatos da equipe SJMR  
Arthur Martins, Analista Social Jr. de Meios de Vida – SJMR  
A identidade submersa: proteção e presença na emergência

60

Encerramento: desafios, aprendizados e conquistas do projeto

64

Infográfico: resposta emergencial em números

66

Referências bibliográficas

# ABERTURA:

## relato da Reitoria Unisinos



A Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) traz o rio como elemento identitário de sua origem e procedência. Nosso próprio nome revela essa pertença: somos uma universidade que habita o Vale do Rio dos Sinos. Assim como Ailton Krenak descreve a profunda relação de seu povo com os vales e rios que os formaram, também nós — habitantes do Vale dos Sinos — podemos (e deveríamos!) reconhecer um vínculo ancestral com o nosso rio e com a bacia do Guaíba, composta pelas sub-bacias dos rios Gravataí, Jacuí, Sinos e Caí.

Essa é uma lição que ainda podemos aprender. Como nos lembra o Papa Francisco, na *Laudato Si'* (46), precisamos aprender com os povos originários a nos relacionar de forma respeitosa com o “espaço sagrado” que habitamos. O fato de ainda não termos aprendido essa lição

nos cobra um preço alto hoje: colhemos as consequências. As cidades cresceram de maneira desordenada, sem respeito ou cuidado pelos rios, mananciais e encostas. Essa desordem se intensifica à mesma medida em que avançam os efeitos do aquecimento global.

As enchentes de 2024, nas cidades situadas ao redor da bacia do Guaíba, revelam o rompimento não apenas das contenções dos rios, mas também do vínculo entre as cidades e os rios em torno dos quais nasceram.

Na primeira semana de maio de 2024, a bacia do Guaíba recebeu, de uma só vez, 14 trilhões de litros de água. No início da madrugada do dia 4, recebi uma ligação do chefe de gabinete da Reitoria: o abrigo municipal de São Leopoldo havia sido invadido pelas águas, e a prefeitura

**Pe. Sérgio Eduardo Mariucci, SJ**  
**Reitor da Unisinos**

solicitava ajuda à universidade para acolher os desabrigados. Determinei a abertura imediata dos ginásios do complexo esportivo e que fossem tomadas todas as providências necessárias para receber as famílias. Na manhã de sábado, as quadras já estavam repletas de famílias – cada uma com sua cama, sua coberta e as roupas que conseguiu trazer. Os animais de estimação foram acomodados em um local próximo. Assim, iniciava-se um capítulo inesquecível na história da nossa Unisinos.

Este relatório constitui, portanto, um registro necessário sobre as consequências devastadoras de um modelo de desenvolvimento empreendido à semelhança de uma “Torre de Babel” – um projeto civilizatório caótico e, por vezes, danoso à própria criação. É também um documento valioso, que apresenta dados sobre a notável articulação em termos de inteligência e organização, bem como sobre a grandeza de alma demonstrada por toda a comunidade universitária da Unisinos naquele momento dramático, que exigiu o encerramento das atividades acadêmicas para a dedicação exclusiva ao atendimento dos desabrigados. Outras universidades comunitárias da região também agiram de forma solidária e, juntas, seguimos trabalhando para ajudar o Estado e a população a se reerguer.

Nada do que vivemos pode cair no esquecimento. Por isso, esta publicação busca

contribuir para que, ao revisitar essa experiência, possamos crescer em consciência ambiental e resgatar nossa relação com a Casa Comum. O rio não invadiu nossas casas; foi a cidade que se expandiu em desacordo com a natureza hidrográfica da região. Os rios da nossa bacia são fonte de imensa beleza e riqueza – um dom de Deus, jamais uma ameaça. O que realmente ameaça são o modelo civilizatório que ignora os impactos do aquecimento global e o modo como as cidades se relacionam com os biomas locais.

Como universidade comunitária e católica, ao professarmos fé em Deus Criador, somos impelidos a cuidar do que recebemos como dom. É urgente, como nos desafia o Papa Francisco na encíclica *Fratelli Tutti*, encontrar modelos alternativos de desenvolvimento econômico que promovam a fraternidade e a comunhão com os recursos que nos foram confiados pela nossa Casa Comum.

Para os cidadãos de São Leopoldo, o Rio dos Sinos é um amigo, um membro de nossas famílias, assim como o Guaíba o é para toda a região metropolitana de Porto Alegre. Que as dores das enchentes de 2024 sejam curadas pela força da resiliência e pela consciência de que o verdadeiro progresso não pode ser devastador, mas sustentável. Podemos construir um futuro melhor e mais belo – tão belo quanto o Rio dos Sinos, tão belo quanto o pôr do sol sobre o Guaíba.



# MIGRAÇÃO FORÇADA E MUDANÇAS CLIMÁTICAS: histórias de coragem e reconstrução



**Flávia Maria Souza dos Reis**  
**Diretora Nacional - SJMR Brasil**

Nos últimos anos, a América Latina tem vivido uma sucessão de eventos climáticos cada vez mais intensos. Secas prolongadas, enchentes, ondas de calor e deslizamentos vêm mudando o cotidiano de milhares de pessoas e deixando claro que a mudança climática não é apenas um tema ambiental, mas, antes de tudo, uma questão humana. Ela desestrutura modos de vida, destrói meios de subsistência e obriga famílias e comunidades inteiras a buscarem novos lugares para recomeçar. Essas pessoas, forçadas a se mover por razões climáticas, quase nunca aparecem nas estatísticas. São, muitas vezes, invisíveis também para as políticas públicas. Ainda assim, suas trajetórias estão no centro dos desafios que envolvem proteção, justiça social e sustentabilidade.

No cenário global, organismos como o ACNUR e a OIM alertam que dezenas de milhões de pessoas já se deslocaram em razão de eventos climáticos, e as projeções indicam que esse número seguirá crescendo nas próximas décadas. Um relatório recente da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, 2024) aponta que 74% dos países da América Latina e do Caribe estão altamente expostos a fenômenos extremos, como secas, tempestades e inundações. Isso agrava a insegurança alimentar e aprofunda a pobreza. Outro estudo das Nações Unidas estima que, até 2030, cerca de seis milhões de jovens latino-americanos poderão cair na pobreza por efeitos diretos da crise climática, seja pela perda de safras, pela destruição de moradias ou pela interrupção de serviços essenciais. Esses números nos lembram que a crise climática é também uma crise de direitos humanos.

No Brasil, esse quadro ganhou rosto e nome no Rio Grande do Sul, em 2024, quando o estado enfrentou uma das maiores tragédias ambientais de sua história recente. Chuvas intensas e persistentes, iniciadas no final de abril, atingiram 478 dos 497 municípios gaúchos. As águas subiram rapidamente, arrastando casas, pontes e memórias. Mais de 2,3 milhões de pessoas foram afetadas, um trauma coletivo que marcou profundamente o território. Ainda assim, entre as perdas e o desalento, brotaram gestos comoventes de solidariedade e cuidado.

Cidades como Canoas, São Leopoldo, Muçum e Eldorado do Sul tornaram-se símbolos dessa travessia: lugares onde a dor encontrou abrigo na esperança.

Quem esteve nos abrigos improvisados nas semanas seguintes pôde ver de perto o que significa a crise climática em sua forma mais concreta: crianças dormindo em colchonetes, idosos tentando salvar documentos encharcados e famílias inteiras sustentadas pela generosidade de voluntários. Diante do medo e da incerteza, emergiu uma força coletiva que uniu o país. Organizações da sociedade civil, igrejas, grupos comunitários e instituições internacionais mobilizaram-se rapidamente. Foram distribuídos alimentos, roupas, cobertores e kits de higiene. O SJMR Brasil, com o apoio da Entreculturas e da Inditex, integrou-se a essa ampla rede de cuidado, acolhendo e acompanhando pessoas em situação de vulnerabilidade, muitas delas migrantes internos ou estrangeiros que já haviam enfrentado deslocamentos anteriores. Essa resposta solidária reafirmou um princípio essencial: diante da destruição, a hospitalidade e a empatia podem ser forças transformadoras.

As enchentes do Rio Grande do Sul não foram um evento isolado. Elas se somam a uma lista crescente de desastres que se repetem, com intensidade e frequência maiores, em toda a América Latina. No Nordeste brasileiro, por exemplo, a seca segue expulsando famílias do campo em





busca de sustento nas cidades. A crise ambiental, portanto, não atua sozinha: conecta-se a crises econômicas, políticas e sociais, ampliando desigualdades históricas e gerando novos fluxos de migração forçada.

Diante desse cenário, torna-se urgente repensar o conceito de proteção humanitária. A Convenção de 1951, que estabelece o estatuto do refugiado, não reconhece a figura do “refugiado climático”, deixando milhões de pessoas fora de um marco legal de amparo. Sem esse reconhecimento, sobreviventes de desastres ambientais continuam a enfrentar lacunas institucionais e obstáculos para acessar direitos básicos, como moradia, educação e trabalho. É fundamental, portanto, que os Estados avancem em políticas públicas que articulem adaptação climática e proteção social, reconhecendo que o deslocamento ambiental é uma realidade crescente, complexa e que demanda respostas humanas, não apenas técnicas.

Apesar dos desafios, há caminhos possíveis. Em várias regiões da América Latina, comunidades têm desenvolvido iniciativas de adaptação inspiradas em saberes tradicionais e na participação social. No Brasil, experiências de reassentamento e reconstrução em áreas afetadas por enchentes no Sul e por queimadas na Amazônia apontam soluções concretas de resiliência. No campo da sociedade

civil, organizações como o SJMR têm articulado ecologia integral, justiça socioambiental e proteção às pessoas em mobilidade humana. Quando sustentada por vínculos comunitários, a resposta humanitária se transforma também em um gesto de esperança.

O desastre no Rio Grande do Sul nos deixa lições que não podem ser esquecidas. Planejamento urbano e ambiental, preservação de matas ciliares, investimentos em drenagem e saneamento, além de sistemas de alerta preventivo, são peças-chave para prevenir novas tragédias. Mas há também um chamado ético e espiritual que nos atravessa: reconstruir não apenas casas, mas vínculos; garantir que ninguém fique sem voz ou abrigo; reconhecer, em cada pessoa deslocada, uma história que merece dignidade. Se faz importante entender que a mudança climática é um fenômeno global, mas seus impactos são locais, sentidos na pele de comunidades que perdem tudo e, ainda assim, encontram forças para recomeçar.

Que a tragédia no Sul do Brasil nos inspire a agir com mais responsabilidade e compaixão, construindo políticas que coloquem a vida no centro das decisões. Que cada enchente, cada seca e cada deslocamento forçado nos recordem que habitamos uma mesma Casa Comum e que a solidariedade, mais do que uma resposta, é o primeiro passo para reconstruí-la.



# PANORAMA REGIONAL:

## as chuvas de 2024



Em maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul foi atingido pelo maior desastre natural de sua história — e um dos maiores do Brasil. Chuvas torrenciais e persistentes elevaram os níveis dos rios e causaram enchentes generalizadas, alagando grandes áreas urbanas e causando estragos massivos em infraestrutura, residências, equipamentos públicos e comércio. O nível do Lago Guaíba, que banha a capital, Porto Alegre, atingiu a marca histórica de 5,37 metros.

Em Porto Alegre, estimou-se que aproximadamente 157.700 (Munhoz, 2024) pessoas foram afetadas, o que representa cerca de 11,8% da população da capital. Ainda segundo a prefeitura, cerca de 93 mil domicílios foram atingidos, com mais de 30% do território da cidade inundado (Prefeitura de Porto Alegre, 2025). Em escala estadual, o desastre alcançou 478 dos 497 municípios do Rio Grande do Sul, aproximadamente 95% das cidades, atingindo cerca de 2,4

milhões de pessoas (Agência Nacional de Águas, 2025).

Na região do Rio dos Sinos, que banha as cidades de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Portão, Esteio, Campo Bom, Dois Irmãos, Ivoti, Sapiranga, Sapucaia do Sul, entre outras, o nível das águas chegou a quase dez metros. Muitos locais ao redor do vale já haviam sido afetados por cheias em anos anteriores, mas nunca nessa proporção. Em São Leopoldo, 80% do território municipal ficou de baixo d'água, ocasionando o desalojamento

de 84 mil habitantes, o que representa 39% da população. Foi a quarta cidade do Rio Grande do Sul com maior número de pessoas afetadas pelas enchentes. A Universidade do Vale do Rio dos Sinos, espaço onde se localiza o SJMR, foi um dos abrigos emergenciais da região e recebeu cerca de 1.500 pessoas, acolhidas no Centro de Esporte e Lazer.

Outra região muito atingida no estado foi o Vale do Taquari, especialmente no município de Lajeado. O Rio Taquari ultrapassou a marca dos 30 metros,



**Destruição no bairro Sarandi (Porto Alegre). Fonte: SJMR.**





provocando inundações de grandes proporções e devastando áreas urbanas inteiras (RBS & G1. 2024). Segundo levantamentos da Embrapa, cerca de 20.954 hectares foram inundados em 20 municípios da região, aproximadamente 7,7% da área total, evidenciando a magnitude do evento (Lemainski, 2024). Os impactos também foram severos: centenas de famílias perderam suas casas, bairros inteiros ficaram submersos e a infraestrutura urbana foi comprometida. A ponte entre Lajeado e Arroio do Meio, na RS-130, chegou a desabar, isolando comunidades e dificultando o acesso a serviços básicos. Além das perdas materiais, surgiram riscos sanitários, como casos de leptospirose registrados após o recuo das águas, agravando ainda mais a situação humanitária local (Rocha, 2025).

Os impactos humanos e sociais foram profundos, e a população de pessoas migrantes e refugiadas também foi severamente atingida, elucidando as múltiplas vulnerabilidades às quais estão sujeitas. Segundo dados do ACNUR, estima-se que cerca de 43 mil refugiados e pessoas em necessidade de proteção internacional estavam residindo no estado quando começaram as chuvas e inundações. Desse número, o levantamento aponta que 67% eram venezuelanos, 28% haitianos e 3% cubanos (ACNUR Brasil, 2024).

No estado, a distribuição dessa população é mais significativa nas regiões Metropolitana de Porto Alegre (Porto

Alegre, Canoas, Esteio, São Leopoldo, Novo Hamburgo), Vale do Taquari (Lajeado), Serra (Bento Gonçalves, Caxias do Sul) e Fronteira Noroeste e Missões, com presença de imigrantes haitianos e senegaleses (OIM, 2024).

Muitas famílias perderam seus lares, documentos e bens, sendo acolhidas em abrigos públicos e em estruturas emergenciais montadas pelo poder público e pela sociedade civil. Entretanto, dificuldades com o idioma, ausência ou perda de documentação válida e receios ligados à condição migratória criaram barreiras de acesso a serviços públicos e à ajuda humanitária para essa população. As enchentes agravaram riscos sanitários (como contaminação de água e aumento de doenças infecciosas) e provocaram um alto nível de sofrimento emocional.

Relatos de organizações locais apontaram situações de xenofobia e discriminação em alguns abrigos, o que reforçou a necessidade de um olhar voltado ao acolhimento e à capacitação das equipes de atendimento (Olegário, 2025). Ademais, muitas pessoas refugiadas relataram retraumatização, pois reviveram sentimento de perda e deslocamento semelhantes aos vividos em seus países de origem ou durante seu processo migratório.

Nesse cenário, organizações, como o SJMR e outras instituições nacionais e internacionais de proteção, associações da sociedade civil e voluntários, em par-



*Destruição no bairro Sarandi (Porto Alegre). Fonte: SJMR.*

ceria com secretarias estaduais e municipais, organizaram ações voltadas às demandas dessa população. Destacam-se, aqui, ações de atenção psicossocial e a distribuição de kits de higiene e abrigo.

Em termos de renda, essa população atua principalmente em setores de serviços, indústria e comércio informal, segmentos que foram fortemente afetados pela paralisação econômica durante as enchentes. Com o fechamento de comércios, destruição de mercadorias e suspensão de transportes, muitos ficaram sem renda imediata e sem acesso aos auxílios

emergenciais, o que aumentou o risco de insegurança alimentar e endividamento.

Ademais, educação e integração social foram diretamente atingidas. O fechamento prolongado de escolas e o deslocamento das famílias afetaram a frequência escolar de crianças migrantes, ocasionando interrupções no recebimento de benefícios sociais e paralisando programas de ensino de português e de capacitação profissional. Organizações de apoio, como o SJMR, atuaram em parceria com o Estado para retomar atividades educativas e oferecer apoio sociojurídico.



**Destrução no bairro Santos Dummont (São Leopoldo). Fonte: SJMR.**



**Destrução no bairro Sarandi (Porto Alegre). Fonte: SJMR.**



**Destruição no bairro Sarandi (Porto Alegre). Fonte: SJMR.**

# VIDAS IMPACTADAS: relatos das enchentes



Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados

24





**Jéssica Kuhn,**  
**moradora do**  
**bairro Santos**  
**Dumont, em São**  
**Leopoldo, RS.**  
**Fonte: SJMR.**



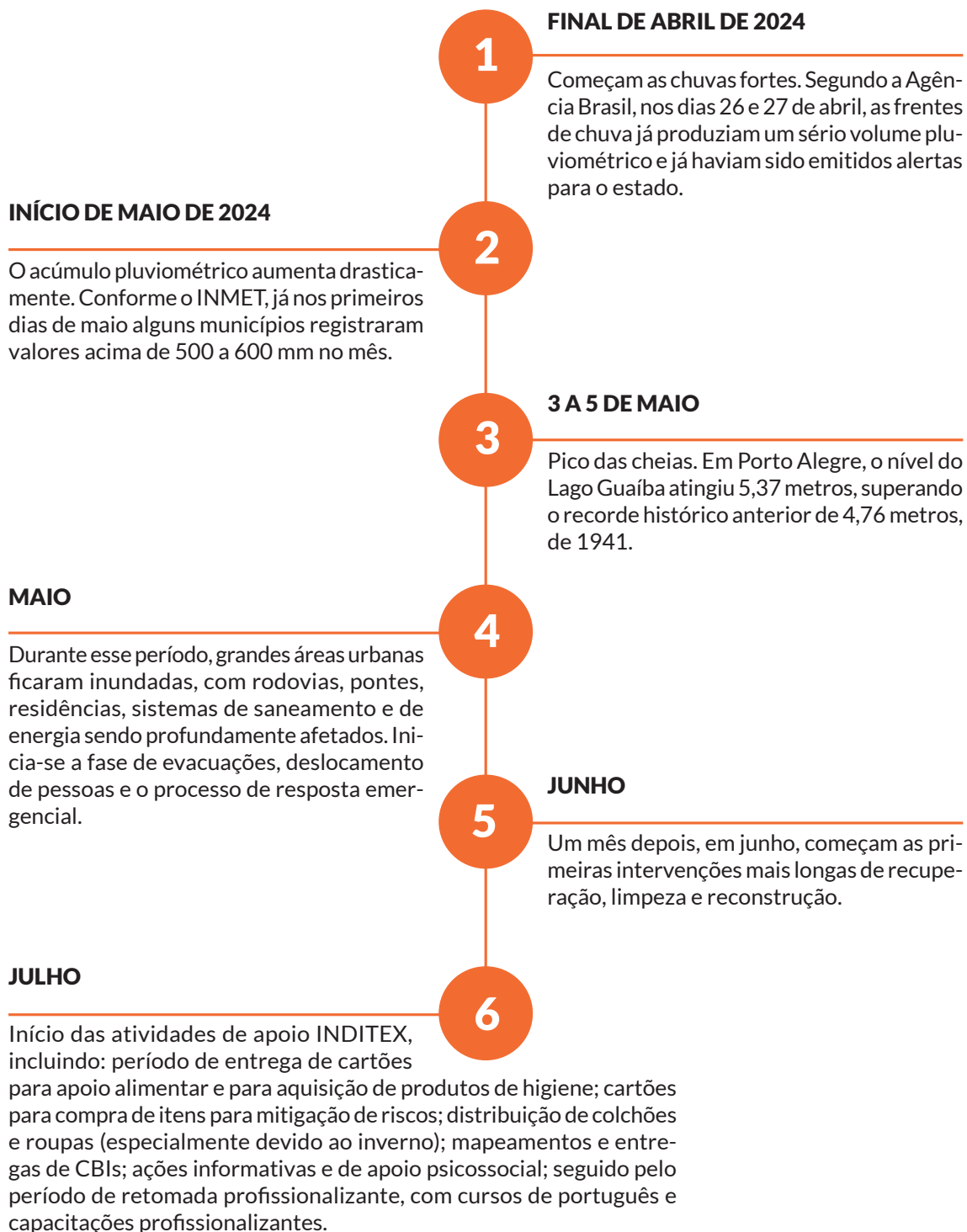
Meu nome é Jéssica Kuhn, sou moradora do bairro Santos Dumont, em São Leopoldo (RS). Tenho 27 anos, sou mãe de três crianças e vivi momentos muito difíceis durante as enchentes que atingiram nossa cidade. Foi uma situação assustadora – algo que deixou em mim um medo constante. Hoje, qualquer chuva já traz apreensão. Assim como muitas famílias da nossa ocupação, perdi tudo. Minha casa ficou destruída e não posso mais morar nela, pois há riscos de desabamento. Mesmo assim, agradeço a Deus por estarmos vivos, porque, no momento em que a água começou a subir, meu maior medo era perder a vida dos meus filhos, como vimos acontecer com tantas pessoas nas notícias. Depois que saímos de casa, encontramos abrigo na igreja onde congregamos e ficamos lá por um tempo até conseguirmos nos reorganizar. A situação ainda é muito difícil – faltam alimentos, móveis e itens básicos, mas temos recebido ajuda de pessoas e grupos solidários. Sou muito grata a todos que estão contribuindo, seja com doações ou palavras de apoio. Cada gesto tem feito diferença. Mesmo diante de tantas perdas, acredito que este é um recomeço para nossas vidas, e que precisamos ter fé para seguir em frente. Olhar para trás é dolorido, mas é preciso continuar com esperança, reconstruindo aos poucos tudo o que foi perdido. A tragédia deixou marcas profundas. Perdi documentos, meus animais de estimação e boa parte da minha história, mas sigo confiando que Deus está cuidando de nós. Hoje, estou morando temporariamente na casa do meu irmão, o que tem sido um grande alívio diante de tudo o que aconteceu. Ainda assim, não é fácil – há dias em que a tristeza pesa, mas a fé e o apoio das pessoas nos fortalecem. Agradeço imensamente a todos que estão nos ajudando, inclusive de outros municípios e países. Mesmo sem saber quem são, sei que essas pessoas nos têm dado esperança para recomeçar, e é isso que me faz acreditar que vai dar tudo certo.



**Jesus Bastilla Galindo, morador do bairro Santos Dumont, em São Leopoldo, RS.**  
**Fonte: SJMR.**

Meu nome é Jesus Bastilla Galindo, sou venezuelano, tenho 33 anos e estou há cinco anos no Brasil, três deles morando na Ocupação Mauá. O primeiro lugar em que vivi quando cheguei ao Brasil foi a cidade de Porto Alegre, no Sarandi. Eu fui uma das pessoas atingidas pela enchente, perdi minha casa, todas as minhas coisas. E, assim como eu perdi, perderam todos da ocupação. Perdemos muitas coisas, mas, graças a Deus, consegui recuperar minha casa. Uma igreja me ajudou, assim como a companheira aqui da ocupação. Eles estão me ajudando a construir minha casa agora, me ajudando aos poucos. No momento, não estou trabalhando, estou no processo de construir a minha casa. Minha família está em um abrigo. Estou muito agradecido à igreja que me acolheu, nos abrigou e nos mantém abrigados até que eu construa a casa. As pessoas da ocupação estão sempre conosco; a líder e a liderança daqui estão cuidando de todos nós. Aqui o alagamento começou na sexta-feira, a partir das cinco da tarde. Começamos a tirar mulheres e crianças primeiro, eles começaram a sair às oito horas da noite, graças à igreja onde estou abrigado, então retiramos mulheres com filhos. Os homens ficaram aqui dentro da ocupação, junto com duas ou três mulheres que ficaram nos acompanhando, porque ficamos de olho nas coisas para não perder nada, porque podiam roubar. Quando saímos, bom, vários saímos quatro ou cinco da manhã, quando a água começou a subir. Vários precisaram sair de barco, outros saíram nadando, porque não achamos um jeito de sairmos todos juntos. Salvamos os cachorros! Conseguimos salvar vários cães e gatos, mas vários deles ficaram. Não conseguimos salvar todos. Bom, depois de sair dos abrigos, quando a água começou a baixar, as pessoas começaram a voltar para suas casas, limpando tudo. Iam voltando, e as pessoas ficaram tristes, porque voltavam, mas não conseguiam ficar. Mas, graças a Deus, conseguimos sair todos. (...) venho aqui todos os dias (...). Aqui, várias casas, como a minha, estragaram ou caíram. Pessoas com crianças que não têm recursos, assim como não tenho eu, que estão arrumando suas casas. A companheira, a líder, está ajudando no que consegue, com o que tem.

# CRONOLOGIA DA RESPOSTA EMERGENCIAL SJMR-ENTRECULTURAS/INDITEX



# ÁREAS DE ATUAÇÃO DO PROJETO



## **DISTRIBUIÇÃO DE CARTÕES (CBIS, ALIMENTAÇÃO E HIGIENE, NFIS, MITIGAÇÃO DE RISCOS)**

O apoio financeiro ao processo de reconstrução do que foi perdido nas enchentes envolveu a distribuição de cartões de alimentação e higiene, NFIs, itens para mitigação de riscos e cartões multipropósito, de acordo com a necessidade de cada grupo familiar. Objetivou-se fortalecer a segurança, a autonomia e a dignidade humana das pessoas, promovendo uma integração mais justa e acolhedora. Nesse contexto, a estratégia de

entrega de cartões de apoio financeiro facilitou o acesso e aumentou a eficácia da assistência.

Com isso, o projeto também facilitou a transição entre o abrigo e a moradia permanente, fornecendo cartões multipropósito de assistência monetária às famílias e aos colaboradores afetados, totalizando 168 grupos familiares, além de acompanhamento psicossocial e encaminhamentos a serviços públicos (CRAS, CREAS, unidades de saúde).

Os insumos (cartões de apoio financeiro, colchões e roupas) foram distribuídos ao longo de 18 meses, com metade deles sendo entregues nos primeiros seis meses, em caráter emergencial, e o restante bimestralmente. Considerando critérios

de vulnerabilidade (gênero, situação migratória, composição familiar, saúde, renda, moradia e outros), casos urgentes conseguiram suporte e acompanhamento longitudinal. Dessa maneira, mais de 6 mil e setecentos beneficiários foram contemplados.

As atividades de longo prazo incluíram ações específicas de acompanhamento à população afetada durante o retorno às suas casas (quando possível) e à normalidade. Para isso, aliou-se suporte financeiro, reconstrução dos meios de subsistência e apoio psicossocial, tanto por meio de atividades em grupo quanto individuais, porém, sempre focando na com lideranças comunitárias, e a própria população local, bem como com entidades públicas para garantia de direitos.



*Distribuição de cartões em Canoas, RS. Fonte: SJMR.*

# RELATOS



**Makhariannys Gonzalez, Venezuelana.**  
Fonte: Rudjere Schultz.

## **Makhariannys Gonzalez - Venezuelana**

Meu nome é Makhariannys Gonzalez, sou venezuelana e moro no Brasil há mais de sete anos, em Cachoeirinha. Sou mãe de dois filhos e, além de cuidar da minha família, represento uma associação de venezuelanos e participo do grupo de migrantes e refugiados do estado. Fui diretamente afetada pela enchente de maio de 2024, quando morava no bairro Sarandi, em Porto Alegre. No início, não acreditei que a água subiria tanto, mas, em poucas horas, tudo foi tomado. Tentei garantir um lugar seguro para minha mãe idosa, meus filhos e outras famílias da comunidade. Acabamos perdendo tudo – móveis, documentos, lembranças – e fomos para um abrigo onde as condições eram difíceis, e havia muitas crianças dormindo no chão. Mesmo em meio ao caos, procurei ajudar as pessoas ao meu redor (...). Recebemos ajuda de programas sociais e de instituições como o SJMR, que nos apoiaram com alimentos e assistência financeira. Ainda enfrento o desemprego e problemas com o deslocamento, mas aproveito esse tempo para continuar ajudando outras famílias migrantes. Nosso maior desejo é sermos vistos, compreendidos e apoiados para recomeçar com dignidade. A luta segue, com fé, solidariedade e o compromisso de reconstruir não apenas o que se perdeu, mas também a esperança de uma vida melhor.



**Roda de conversa sobre  
saúde mental e migração com  
comunidade senegalesa em  
Porto Alegre, RS. Fonte: SJMR.**

### **Absa Wade - Senegalesa**

*Sou Absa Wade, liderança comunitária senegalesa e mediadora intercultural em saúde. Os cartões ajudaram bastante o meu povo. Ninguém estava trabalhando, precisavam muito. Com crianças, estava muito mais difícil! Eu chamo esse cartão de “salva-vidas”.*



# AÇÃO TERRITORIAL E CUIDADO PSICOSSOCIAL

**Vanessa Ruffatto Gregoviski, Psicóloga**

**Natália Caroline Vargas Granja, Psicóloga**

**Gabriel Gerardo Lizarraga Arias, Analista Social Junior**



Como resposta imediata às enchentes, o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR) executou ações comunitárias que foram desde o atendimento às necessidades primárias e emergenciais até o suporte psicossocial. Isso permitiu uma ação territorial que buscou verdadeiramente compreender a necessidade do sujeito após vivenciar um desastre ambiental.

O SJMR apoiou espaços de alojamento para pessoas que haviam perdido suas residências ou cujo acesso a elas estava impedido (ainda alagadas ou com risco de desmoronamento). Nesse momento, contribuiu-se com itens de necessidades imediatas (roupas, comida, água, colchões e semelhantes) e com um primeiro acolhimento, ofertando escuta sensível à redução do estresse agudo vivenciado em razão da catástrofe.

A expansão territorial, em um segundo momento, contemplou uma análise de-

talhada sobre as condições de vida e as dificuldades enfrentadas, principalmente por migrantes e refugiados na Região Metropolitana, Serra Gaúcha e Vale do Taquari. Os casos acompanhados foram variados: impossibilidade de recuperar móveis e eletrodomésticos; perda dos documentos; ausência de saneamento básico; moradias condenadas pela Defesa Civil; idosos em situação de abandono; crianças e gestantes dormindo rente ao chão devido à ausência de colchões; casos de xenorracismo ainda mais intensificados em regiões onde o desastre se repetiu em menor escala (alagamentos no Taquari); recusa de atendimento a não-brasileiros em serviços públicos por conta da alta demanda; assustador aumento de casos de violência baseada em gênero, inclusive contra crianças e adolescentes; trabalho análogo à escravidão, entre outros.

As ações no território objetivaram fortalecer a presença institucional e garantir

respostas humanizadas às famílias atingidas. A atuação direta no campo permitiu compreender de forma mais profunda as dinâmicas comunitárias e os impactos psicossociais provocados pelo desastre.

O fortalecimento de lideranças comunitárias e associações para reivindicação de direitos (*advocacy*) foi a maior potência para o enfrentamento dessa situação, colocando o controle social e o protagonismo lado a lado. O papel do SJMR foi especialmente de disseminar informações e facilitar esses diálogos, inclusive acionando serviços públicos para atuarem junto a essas comunidades. Nesse montante, foram mapeadas mais de 5 mil pessoas de variadas nacionalidades, gêneros e idades.

Mediante demandas mais específicas, o SJMR contribuiu financeiramente com essas famílias, reduzindo vulnerabilidades e mitigando danos. Foram mais de 500 cartões para suporte na compra de alimentos e produtos de higiene (diante do aumento dos casos de fome); mais de 500 famílias contempladas com suporte para aquisição de itens não alimentares (como compra de móveis e eletrodomésticos, colchões e semelhantes); e 2.150 sujeitos apoiados com recursos financeiros direcionados à mitigação de riscos.

Houve, ademais, famílias que se beneficiaram com apoio financeiro em parce-

las substanciais, sendo estas aquelas em maior vulnerabilidade e com perdas mais significativas. O resultado foi pessoas com acesso à moradia segura, suporte à manutenção familiar enquanto buscavam um emprego digno, banheiros reconstruídos em prol do saneamento básico etc.

O acompanhamento psicossocial, paralelamente, esteve presente de maneira constante por meio de escuta qualificada, acolhimento empático e mediação intercultural, assegurando que cada pessoa fosse reconhecida em sua singularidade e contexto. Além disso, foram realizados encaminhamentos específicos a serviços públicos, promovendo o exercício da cidadania e o direito à proteção social.

Percebe-se, em contrapartida, que o trabalho de acompanhamento a essas famílias está apenas começando, pois essa tragédia trouxe prejuízos materiais e imateriais de longo prazo, além da possibilidade de repetição de eventos semelhantes em menores escalas nos próximos anos. Desse modo, as ações propostas reforçaram a importância da presença territorial contínua, da escuta ativa e da articulação em rede como estratégias fundamentais para garantir não apenas o atendimento emergencial, mas também o restabelecimento da dignidade, da segurança emocional e da confiança comunitária após um evento traumático de grandes proporções.





# DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÃO

Com foco em reforçar o acesso a informações importantes no contexto emergencial, as atividades de disseminação de informação envolveram a entrega de materiais informativos e a divulgação de orientações essenciais sobre direitos, serviços disponíveis e medidas de proteção. Essas ações buscaram garantir que a população migrante e refugiada atingida pelas enchentes tivesse acesso a conteúdos claros e em diferentes idiomas, facilitando a compreensão das formas de obter ajuda e proteção. Além disso, o trabalho de comunicação foi fundamental para fortalecer a autonomia das

pessoas afetadas, ampliando o alcance das redes de apoio e promovendo a inclusão social em um momento de grande vulnerabilidade.

Assim, mais de mil pessoas foram diretamente beneficiadas pela disseminação de informações, bem como pela distribuição de materiais impressos destinados a garantir o acesso a direitos. Os materiais gráficos foram entregues a indivíduos, associações de migrantes e refugiados, pontos estratégicos de suporte comunitário, instituições parceiras e entes públicos.

*Atividade envolvendo disseminação de informação em Canoas, RS. Fonte: SJMR.*





**Anne Dominique, Haitiana.**

**Fonte: SJMR.**

### **Anne Dominique - Haitiana**

*Meu nome é Anne Dominique, sou haitiana, moro no Brasil há mais de oito anos e sou presidente da Associação dos Haitianos no país (...). A ausência de políticas de prevenção e de informação deixou claro o quanto as comunidades seguem desprotegidas, sem preparo para enfrentar novas enchentes que, infelizmente, já se anunciam. Apesar de tudo, seguimos firmes.*



# Intervenção humanitária da equipe de Proteção Jurídica e Documental a Migrantes e Refugiados na Enchente de 2024 no Rio Grande do Sul – Escritório SJMR São Leopoldo



**Carolina Padoin, Analista Social Sênior**

**Fernanda da Trindade Riegel, Analista Social Pleno**

O ano é 2024, final de abril. O Setor Jurídico e Documental do SJMR conta com uma equipe que atende a população de Porto Alegre e da região metropolitana. O setor está inserido no eixo de proteção e tem por missão promover o acesso à regularização migratória por meio de orientação, informação e suporte, para que a população migrante e refugiada obtenha documentação e tenha conhecimento dos seus direitos e deveres.

Os últimos dias de abril e os primeiros dias de maio de 2024 foram diferentes. A chuva chegou e não parou mais. A grande enchente come-

çava! Iniciava-se, então, um período que transformou completamente a vida da população do Rio Grande do Sul. E nossa atuação no Setor Jurídico e Documental já não seria mais a mesma. Grandes áreas urbanas foram totalmente tomadas pelas águas, em sua maioria, locais sem infraestrutura de contenção da enchente, viviam migrantes e refugiados.

Partindo desse cenário catastrófico, a equipe do setor iniciou uma articulação para responder a essas consequências, que abarcavam a perda total ou parcial de documentos (Registro Nacional Migratório, identidades dos países de origem, passaportes, protocolos de refúgio, certidões de nascimento, CPF etc.), a perda de bens (roupas, móveis, utensílios etc.), o desabrigoamento, a separação de famílias, além de consequências de ordem psicológica. A grande maioria da população atendida perdeu os documentos físicos. Algumas famílias guardavam imagens dos documentos no celular, mas, para fins de acessos, as fotografias não eram válidas.

A mobilização iniciou com a observância das múltiplas vulnerabilidades; ou seja, quando era necessária a identificação das pessoas, grande parte dos migrantes e refugiados perderam total ou parcialmente seus documentos. Iniciava-se, assim, um desafio para a atuação do setor: a invisibilidade documental. A equipe uniu esforços para acessar os abrigos

oficiais e contatar as pessoas. A partir desse mapeamento, verificamos o grande número de indivíduos que estavam indocumentadas, bem como aqueles que não conseguiriam renovar a documentação que ainda possuíam.

A Polícia Federal, enquanto órgão responsável pela emissão de toda documentação migratória no país, modificou o fluxo, dando prioridade a casos urgentes de migrantes e refugiados que perderam a documentação. A partir disso, o Setor Jurídico e Documental passou a colaborar com o mapeamento e articulação com órgãos da rede de serviços e de justiça, a fim de garantir a identificação das famílias. Ocorreu a aproximação com os serviços públicos para obter segundas vias de documentos da população referida, pois, assim, poderiam acessar outros documentos. Igualmente, houve articulação com a Receita Federal, cartórios de registros e com as Defensorias (DPE e DPU). Foram realizados movimentos de “ponte” com os órgãos estatais e parceiros, contando com a participação em mutirões de mapeamento de demandas, encaminhamentos de documentação e acesso a benefícios estatais.

A partir do evento da enchente em 2024, o setor começou a atuar cada vez mais no território. Já não bastava atender no escritório ou de forma online. Foi estabelecido um novo fluxo, que permanece até hoje, de atuação na ponta, com aten-





dimentos coletivos e individuais nos territórios onde está a população migrante e refugiada. Iniciaram-se as missões e desenvolveu-se ainda mais a principal atividade do setor, que é a orientação e o acesso aos direitos. Houve uma grande procura por orientações sobre direito do trabalho e direito à moradia, além de demandas de acesso a benefícios estatais e cartões de alimentação, assim como uma grande necessidade básica por agasalhos. A enchente ocorreu no outono e o inverno chegou com grandes ondas de frio, o que gerou a necessidade de unir esforços com os demais setores do escritório para a triagem e entrega de roupas à população necessitada. Essa frente foi importante, pois acompanhamos também a situação documental das famílias em cada atividade de doação de roupas.

Observando as consequências da enchente de 2024, podemos afirmar que o Setor Jurídico e Documental reafirmou o caráter humanitário de acesso aos direitos, consolidando uma atuação cada vez mais próxima da população assistida. Passamos a atuar cada vez mais nos territórios e a observar as vulnerabilidades múltiplas, que derivam de questões multifatoriais, como xenofobia, racismo e a invisibilidade de minorias de gênero e de classe. Observamos a fragilidade do status legal dos migrantes e refugiados diante dos eventos climáticos, bem como a escassez de redes de apoio específicas. Nesse sentido, o SJMR se empenhou em

apoiar um número expressivo dessa população com orientações, acompanhamentos, segurança alimentar, agasalhos e demais apoios para a reconstrução.

Dessa forma, o trabalho realizado pela equipe jurídica e documental se revelou uma conexão essencial, no campo do acesso aos direitos da população migrante e refugiada, com os demais órgãos de direitos, a partir da atuação humanitária e com propósito de propiciar dignidade e autonomia a todos os atendidos. O aprendizado foi além de qualquer processo burocrático, pois trouxe um sentido humano cada vez mais próximo para a atuação na área da proteção.



Atingido - Jesus - Imigrante Venezuelano. Fonte: SJMR.

# ATENDIMENTOS DE APOIO PSICOSSOCIAL



Atividade de apoio psicossocial em São Leopoldo, RS.  
Fonte: SJMR.

As ações incluíram escutas individuais e sessões coletivas de acolhimento em saúde mental voltadas às famílias atingidas. O objetivo foi oferecer um espaço seguro para a expressão de sentimentos, fortalecimento emocional e reconstrução de vínculos comunitários após as perdas e traumas vivenciados. Além do suporte em primeiros socorros psicológicos, essas atividades também buscaram orientar sobre os serviços de saúde mental disponíveis e promover o bem-estar coletivo por meio de práticas de cuidado, empatia e solidariedade.

Essas atividades contemplaram 495 pessoas, nas modalidades individual e grupal. As principais temáticas trabalhadas foram: sentimentos e reações psicológicas ao trauma, estratégias de manejo da ansiedade, fomento da rede de apoio comunitária, acesso a serviços de saúde mental, identificação de sentimentos, maneiras de manejar a saudade de casa e a preocupação com os seus, construção de estratégias de enfrentamento, entre outras.



# RELATOS



**Frankis Santos, Venezuelano.**

Fonte: Rudjere Schultz.

## **Frankis Santos - Venezuelano**

*Meu nome é Kike, tenho 34 anos e moro em Venâncio Aires. Durante as enchentes, perdi praticamente tudo o que tinha construído com muito esforço. Em um só dia, vi o trabalho de uma vida inteira ser levado pela água. Foi desesperador pensar em como recomeçar do zero, (...) não sabia nem por onde começar, mas algumas pessoas chegaram para ajudar, e essa solidariedade foi o que me deu forças para seguir (...). Essa união foi essencial para que conseguíssemos nos reerguer, não apenas materialmente, mas emocionalmente. A saúde mental de todos ficou muito abalada. Cada nova chuva trazia medo, ansiedade e lembranças do que vivemos (...). Hoje, tento retribuir o que recebi, ajudando quem mais precisa (...). Continuo trabalhando e apoiando outros migrantes, porque sei o quanto faz diferença ter alguém por perto quando tudo desaba. A experiência das enchentes me ensinou que a solidariedade é o que mantém a gente de pé – e que recomeçar é possível quando se caminha junto.*



**Pedro Luis  
Corona,  
Cubano.**  
Fonte:  
Rudjere  
Schultz.

### **Pedro Luis Corona - Cubano**

Meu nome é Pedro, tenho 24 anos, sou migrante cubano. Saí do meu país em busca de melhores condições para mim e para minha família, mas viver fora não tem sido fácil. Quando cheguei ao Brasil, enfrentei muitas dificuldades e, durante as enchentes em Porto Alegre, perdi praticamente tudo. Foi uma experiência muito dolorosa – ver tanta destruição, pessoas sofrendo, famílias inteiras desabrigadas. O impacto psicológico foi imenso. Embora eu tenha crescido em uma região acostumada a furacões, o que vivi aqui foi diferente. A sensação de impotência, de ver a água levando não só bens materiais, mas também sonhos, é algo que mexe profundamente com o coração. Fiquei sem casa e precisei me apoiar em pessoas que, felizmente, me estenderam a mão. Mesmo assim, foi difícil me sentir seguro novamente, com medo de que tudo pudesse se repetir (...). Mesmo assim, continuo lidando com a saudade da minha família, que ainda vive em Cuba e enfrenta dificuldades semelhantes às que enfrentei ao sair de lá. Apesar das perdas e da solidão, aprendi a transformar a dor em motivação. Participei de rodas de conversa sobre saúde mental, que me ajudaram muito. Conheci outros imigrantes, reencontrei compatriotas e percebi a importância de termos espaços de acolhimento e troca.



# SAÚDE MENTAL EM CONTEXTO DE EMERGÊNCIA CLIMÁTICA



**Vanessa Ruffatto Gregoviski, Psicóloga**  
**Natália Caroline Vargas Granja, Psicóloga**  
**Gabriel Gerardo Lizarraga Arias, Analista Social Junior**

Em meados de maio de 2024, diante de uma enchente sem precedentes, milhares de pessoas foram atingidas pela maior tragédia climática do estado do Rio Grande do Sul, ficando desalojadas temporária ou permanentemente. Dentre essas famílias, encontram-se migrantes e refugiados de inúmeras nacionalidades (especialmente venezuelanos e haitianos), assim como brasileiros, atendidos pelo Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR).

Atuando em várias localidades (Região Metropolitana de Porto Alegre, Serra Gaúcha, Vale do Taquari e outras), foram percebidas realidades que perpassavam a todos: os danos emocionais provocados pelo trauma de serem atingidos por um evento sem precedentes. Não bastasse, no caso de pessoas que se deslocam forçadamen-

te, isso ainda trouxe à tona memórias de um passado doloroso, no qual precisaram reconstruir suas vidas do zero após uma penosa escolha de partir de seu país de origem para sobreviver e/ou obter melhores condições de vida e emprego.

Com uma estratégia de cuidado que sempre privilegiou articulações com a comunidade e espaços garantidores de políticas públicas, o SJMR mapeou – a partir de diálogos com lideranças comunitárias, com serviços de apoio psicossocial e com os próprios sujeitos – quais seriam as maiores necessidades em termos de cuidado emocional. Ao longo desse um ano e seis meses de execução do projeto, perceberam-se agravos que foram desde um esperado sentimento de tristeza diante das perdas traumáticas até uma preocupante constância em crises de ansiedade cada vez que a previsão meteorológica indicava tempo chuvoso. Parece ter se difundido por toda comunidade atendida uma espécie de ecoansiedade, ou seja, sintomas ansiosos, de preocupação, medo e angústias desencadeados pelas mudanças climáticas e pelas catástrofes daí decorrentes – as quais não tem quaisquer previsões de findarem, já que as alterações climáticas indicam uma tendência de constante intensificação nos desastres ambientais.

Casos mais graves também foram percebidos, até mesmo com o risco de suicídio emergindo como uma consequência dos agravos sociais que implicaram nas múl-

tiplas vulnerabilidades às quais os sujeitos estão expostos: ausência de moradia digna (sem proteção contra intempéries), impossibilidade financeira de arcar com aluguel em espaço seguro (mantendo-se em áreas de risco de alagamento, inundações e desmoronamento), demissões massivas, perda de benefícios sociais mediante mudanças de territórios por conta das chuvas, insegurança alimentar e nutricional (até mesmo pelo aumento no custo dos alimentos) e outras situações.

Assim, uma coisa foi bastante evidente: mesmo após um ano da tragédia, a necessidade de cuidado psicossocial seguia sendo cada vez mais urgente. Dar-se conta de tudo que foi vivenciado foi uma dura imposição para essas pessoas, que precisavam se reerguer para se manterem sãs, bem como para seus familiares – especialmente crianças e adolescentes, que também refletiram isso em suas mudanças de comportamento.

O cuidado intersetorial proposto foi o de articular ações de escuta acolhedora, detalhamento sobre sinais de alerta para o cuidado em saúde mental, entrega de folhetos informativos sobre serviços de atendimento especializados (como os Centros de Atenção Psicossocial) e sobre como acessá-los independentemente de sua nacionalidade, elaboração coletiva de estratégias de promoção de bem-estar individual e coletivo e outras ações. Muitos casos contaram com o encaminhamento a serviços especializados para





que nenhum desses agravos passassem despercebidos.

Por fim, destaca-se a importância de uma equipe preparada para lidar com as questões emocionais que provem de um contexto de emergência. Estabelecer vínculos, orientar de forma clara e concisa e conectar a pessoa afetada a apoios

sociais existentes, que ela até então desconhecia, foram ações primordiais. A qualificação da escuta e a identificação das prioridades, a partir de recursos terapêuticos multidisciplinares, como os primeiros socorros psicológicos, fortaleceram o acolhimento ético e cuidadoso das pessoas, contribuindo massivamente ao longo do trabalho humanitário.

## RETOMADA PROFISSIONAL PARA EMPREENDEDORES

As atividades do Retomada Profissional envolveram apoio financeiro para a reestruturação e fortalecimento de pequenos negócios e iniciativas empreendedoras de pessoas migrantes, refugiadas e brasileiros que sofreram grandes perdas devido às enchentes, contribuindo para a geração de renda e sustentabilidade econômica. A partir de uma análise do

perfil de cada empreendimento identificado, foi possível fornecer o apoio financeiro necessário para que as pessoas contempladas pudessem adquirir os materiais para a particularidade de seus negócios. Abaixo serão listados os dados referentes aos empreendimentos que receberam o auxílio.

### DADOS

**Principais tipos de negócio:** Culinária e Alimentação (18), Estética e Beleza (14), Costura e Alfaiataria (13), Papelaria e estamperia (2), Moda e Comércio (2), Artista Plástico (1), Ceramista (1), Marcenaria (1), Comunicação/produção de conteúdo (1).

**Nacionalidade:** 39 venezuelanos, 6 brasileiras, 5 haitianas, 1 ganesa, 1 peruano e 1 senegalês.

**Abrangência territorial:** Porto Alegre, São Leopoldo, Canoas, Esteio, Cachoeirinha, Alvorada, Gravataí, Lajeado, Venâncio Aires, Arroio do Meio.

**Valor:** R\$ 500.000,00

**Quantidade de pessoas assistidas:** 53

**Gênero:** 43 mulheres cis, 1 mulher trans e 9 homens cis.



*Visita técnica à confeiteira venezuelana Ingris del Valle Salazar Caraballo, no bairro Sarandi, em Porto Alegre.*



*Entrega de materiais com beneficiária Maria de Los Angeles, costureira venezuelana, no bairro Sarandi em Porto Alegre, RS. Fonte: SJMR.*





**Abigail Enyonam Narh -  
Ganesa, Porto Alegre, RS.**  
**Fonte: Rudjere Schultz.**

## **Abigail Enyonam Narh – Ganesa**

*Em maio de 2024, a enchente causou grandes estragos na minha cidade e atingiu profundamente minha vida. Perdi muitos equipamentos e utensílios de trabalho, além de enfrentar a falta de luz e de condições adequadas para manipular alimentos – o que me fez praticamente começar do zero. Foi um período muito difícil, de incerteza e preocupação, sem saber como retomar o sustento. Trabalhar sozinha se tornou ainda mais desafiador, pois tudo o que eu havia construído com esforço se perdeu de um dia para o outro. Com o tempo, e especialmente graças ao apoio do SJMR, consegui recomeçar. Recebi utensílios e equipamentos novos, o que me permitiu retomar a produção e reorganizar meu trabalho com mais segurança e qualidade. Esse apoio foi fundamental para devolver minha autonomia e a esperança de seguir em frente, reconstruindo, pouco a pouco, o que havia sido destruído. Hoje, sigo trabalhando sozinha, com algumas limitações, mas com a fé de que logo terei uma equipe ou alguém que possa me ajudar. Continuo lutando para crescer, fortalecer meu negócio e conquistar uma estabilidade que me permita sustentar minha família com dignidade. A enchente foi um golpe duro, mas também um marco de resistência e recomeço, mostrando que, com solidariedade e apoio, é possível levantar-se novamente mesmo após as maiores perdas.*



**Saray Betsabé - Venezuelana,**  
**Porto Alegre, RS.**  
**Fonte: Rudjere Schultz.**

### **Saray Betsabé – Venezuelana**

Meu nome é Saray e vivi momentos muito difíceis durante a enchente. Lembro do desespero de tentar salvar minhas coisas, cuidar da minha cachorrinha e sair de casa com o que pude carregar. Foi tudo muito rápido – em pouco tempo, a água tomou conta de tudo, e o medo tomou conta de mim também. Fiquei sem chão, sem saber por onde recomeçar, mas, com a ajuda de pessoas e instituições solidárias, consegui encontrar um novo caminho. O apoio que recebi foi essencial, especialmente nos cursos e oficinas de empreendedorismo oferecidos após a tragédia. Essas formações me deram força e novas perspectivas. Aprendi a valorizar minhas habilidades e a transformar a dor em motivação. Com o tempo, fui retomando o controle da minha vida, organizando meus planos e sonhando novamente com um futuro melhor. Hoje, sigo com o coração mais tranquilo, mesmo depois de tudo o que vivi. A enchente me marcou profundamente, mas também me ensinou a importância de recomeçar com fé e determinação. Quero usar o que aprendi não apenas para o meu benefício, mas também para ajudar outras pessoas que, assim como eu, precisaram reconstruir tudo. A solidariedade que recebi me inspira a retribuir e a continuar acreditando que é possível renascer das dificuldades.



# EMPREENDER PARA RECOMEÇAR: AUTONOMIA E ESPERANÇA APÓS AS ENCHENTES

**Isadora Durgante Konzen, Analista Social Pleno**

**Julia Soares, Analista Social Júnior**

**Alana Moura, Analista Social Júnior**



O empreendedorismo desempenha um papel fundamental como meio de subsistência para pessoas em situação de vulnerabilidade no Brasil, especialmente em contextos marcados por desigualdade social, desemprego e dificuldades de acesso a oportunidades formais de trabalho. Para muitas mulheres, em especial as mães solas, empreender é uma alternativa essencial diante da falta de vagas em creches e da impossibilidade de conciliar a rotina de cuidados com o emprego formal. Muitas chefas de família também são cuidadoras de pessoas idosas, doentes ou com deficiência, o que limita ainda mais suas chances de inserção no mercado de trabalho tradicional.

Nesse contexto, o empreendedorismo surge como um caminho de autonomia, geração de renda e dignidade, permitindo transformar habilidades e saberes em sustento e desenvolvimento pessoal. Além disso, fortalece comunidades locais, impulsiona a economia solidária e estimula a inclusão produtiva, contribuindo para a independência financeira e a participação social de grupos historicamente marginalizados. Apoiar iniciativas empreendedoras, portanto, é investir em resiliência, equidade de gênero e justiça social.

O Projeto Retomada Profissional apoiou empreendedores que tiveram seus negócios

afetados pelas enchentes e perderam seus materiais de trabalho. Inicialmente, mapeamos negócios atingidos por meio de contato com lideranças comunitárias parceiras do nosso serviço. Para participar, as postulantes receberam uma visita técnica da equipe de Meios de Vida, para uma avaliação socioeconômica dos empreendedores. Durante a visita, como parte dos critérios de seleção, solicitamos a elaboração de um relato pessoal, no qual as candidatas contam sobre sua trajetória migratória, sua vida no Brasil e seu empreendimento. Em seguida, as empreendedoras eram orientadas a elaborar orçamentos nas lojas onde normalmente adquiriam seus materiais — muitas delas também atingidas pelas enchentes —, tendo como limite o valor de R\$ 10.000,00. Após aprovação, a equipe técnica acompanhava a realização das compras.

Através do projeto, beneficiamos 53 empreendedores, sendo 43 mulheres cisgênero e uma mulher trans. A ampla maioria eram venezuelanas (39), mas também tivemos seis brasileiras, cinco haitianas, uma ganesa, um peruano e um senegalês. Os empreendedores beneficiados atuam em diversos ramos, como culinária (confeitaria, padaria e restaurantes), costura, estética (cabeleireiras, manicures e trançistas), moda, comunicação/

produção de conteúdo, marcenaria e artes (cerâmica, estamperia, decoração e papelaria).

Os principais locais de atuação estavam nos bairros Sarandi, em Porto Alegre, e Mathias Velho, em Canoas — áreas em que a água chegou a atingir cinco metros durante as enchentes. Na emergência climática, esses territórios enfrentaram consequências enormes e ainda visíveis: residências e comércios destruídos, incluindo escolas, vias de transporte e redes de água e esgoto.

No bairro Sarandi, cerca de 26 mil dos 81 mil moradores foram afetados. Muitas casas foram abandonadas, pois não havia condições de reconstrução. Já no bairro Mathias Velho, moradores relataram que a região ficou praticamente submersa. Além dos danos materiais, os impactos psicológicos continuam sendo expressivos e recorrentes.

A confeitadeira venezuelana Pastora Yaqueline, dona da “Dulcería y Pastelería Jehová Jireh”, vive no bairro Mathias Velho. Ela se dedica ao empreendimento desde 2010 e morou no Peru com sua família (marido e dois filhos) antes de vir ao Brasil. Na enchente, perdeu eletrodomésticos, utensílios e insumos essenciais ao seu trabalho. Após um mês e meio no abrigo, comprou uma máquina de mini donuts e passou a vendê-los de bicicleta com sua filha aos finais de semana. A seguir, um trecho de seu relato pessoal enviado ao projeto:

*“Puedo decir que este negocio de pastelería es útil para todo ya que aquí puedo emprender, crecer, apoyar a mi familia, trabajo por mi cuenta y estoy pendiente de mis hijos sin descuidar mi hogar, al igual ofrezco un rico dulce fresco con precios accesible a la comunidad complaciendo el paladar de cada cliente, hago mis compras en las mismas tiendas del barrio que fueron afectados por la inundación, el cual tenemos en común el superarnos como*

*empresa, como persona. A futuro quisiera tener mi propia repostería, impulsar a otras mujeres a emprender su propio negocio, dar trabajo aquellas que aún no tengan para invertir en ellas, alquilar un local donde todo esté visible a los ojos del cliente y las personas puedan deleitarse un rico postre cerca de su hogar.”*

O Projeto Retomada Profissional evidenciou a importância do empreendedorismo na vida de migrantes e refugiados no Sul do Brasil e seu papel crucial na inserção socioeconômica dessa população no país de acolhida. Enquanto equipe técnica, compreender o empreendedorismo como uma alternativa diante de problemas estruturais nos permitiu entender mais profundamente as vivências e percepções das comunidades migrantes no Rio Grande do Sul. O projeto conseguiu apoiar aqueles que, após o desastre climático, tinham no empreendimento sua única alternativa, mas se encontravam desesperançosos para retomar seus negócios.

Além disso, o projeto fortaleceu a autonomia das pessoas migrantes em relação aos seus empreendimentos, já que eram elas as responsáveis pela elaboração dos orçamentos e pela escolha dos materiais adequados à continuidade de suas atividades. A rede construída entre os empreendedores migrantes também se destacou como um dos importantes resultados do Retomada Profissional: muitos passaram a se conhecer por atuarem em áreas semelhantes, fortalecendo redes de apoio no país de acolhida e ampliando possibilidades de parcerias e clientela.

O saldo deixado pelo Projeto Retomada Profissional, tanto para a equipe de Meios de Vida quanto para as pessoas migrantes atendidas no Rio Grande do Sul, é a esperança de que um recomeço seja possível — mesmo diante das perdas e desafios impostos pelos desastres climáticos.





# CURSO PROFISSIONALIZANTE: LID E METROLOGIA

O curso de Leitura e Interpretação de Desenho Técnico Mecânico e Metrologia (LID e Metrologia) desempenha um papel fundamental na inserção socioeconômica da população migrante e refugiada em Caxias do Sul, cidade reconhecida por seu forte setor industrial e metalmeccânico. Ao oferecer conhecimentos práticos sobre normas técnicas, medições de precisão e interpretação de desenhos mecânicos, o curso amplia significativamente as oportunidades de acesso ao mercado de trabalho formal, especialmente em

indústrias que demandam profissionais qualificados. Além de promover o desenvolvimento de competências técnicas, a formação contribui para a integração produtiva e o fortalecimento da autonomia dessas pessoas, permitindo que participem ativamente do dinamismo econômico local e construam novas perspectivas de vida na região. O Curso foi realizado em parceria com o Centro de Atendimento ao Migrante (CAM), a partir da identificação da alta demanda por qualificação profissional de migrantes e refugiados da região.

## DADOS

**Nacionalidade:** Venezuelanos, Peruana, Dominicana, Brasileira

**Gênero:** Feminino 14, Masculino 15

**Quantidade total:** 29



Formatura da turma do curso de LID e Metrologia, Caxias do Sul, RS. Fonte: SJMR.



**Elvis Ramiro Arteaga, venezuelano, aluno do curso LID/Metrologia. Fonte: SJMR.**

### **Elvis Ramiro Arteaga, venezuelano, aluno do curso LID/Metrologia**

Meu nome é Elvis Ramiro Arteaga Rivas, sou venezuelano e estou no Brasil há um ano e meio. Eu achava que não conseguiria realizar o curso por conta dos custos, principalmente porque eu e minha esposa iríamos fazê-lo. Quando fiquei sabendo que o curso era gratuito, ficamos muito empolgados e decidimos aproveitar essa oportunidade. Este é um curso bastante valorizado pelas empresas metalúrgicas, e isso faz toda a diferença na hora de buscar uma colocação. Mesmo eu já estando empregado, sei que foi melhor termos realizado essa formação. A primeira coisa que eu aprendi, na verdade, não tem relação direta com o LID ou metrologia – a coisa mais importante que eu aprendi foi ser um bom professor. Eu amei a paciência do professor, a calma dele e o respeito pelos alunos. Além disso, aprendi a usar os aparelhos de medição que, apesar de conhecê-los na Venezuela, nunca me ensinaram a usar bem. Agora eu sei usar! Meus planos agora são ajudar a minha esposa a procurar emprego e usar os conhecimentos obtidos no curso no meu trabalho.





# PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIDA

## PLAC - TARIN Unisinos

No final de 2024 e início de 2025, registrou-se uma grande demanda por cursos de português voltados a migrantes e refugiados da região. Diante disso, no segundo semestre de 2025, o SJMR São Leopoldo firmou parceria com o TARIN para oferecer uma turma de nível Básico do PLAC, destinada a migrantes e refugiados de diversas nacionalidades. As

aulas acontecem no Campus da UNISINOS, em São Leopoldo, às sextas-feiras, no turno da noite. O TARIN – Programa de Educação e Atenção Humanitária a Migrantes e Refugiados – é um projeto de extensão da Unisinos que, desde 2018, tem como carro-chefe o projeto de Português como Língua de Acolhida (PLAC).

### DADOS

**Quantidade de alunos:** 32 inscritos

**Nacionalidade:** Venezuelana, Cubana Haitiana, Boliviana, Equatoriana



Aula do Tarin na Unisinos – São Leopoldo, RS.

Fonte: SJMR.



*Turma na aula do curso do Tarin na Unisinos – São Leopoldo, RS. Fonte: SJMR.*

### **Darin Esther Machado – Venezuelana**

Meu nome é Dairi Esther Machado, sou venezuelana, estou há quatro anos no Brasil e vim com minha família – esposo e dois filhos. Agora, estou fazendo o curso de português, e acho muito bom para a área do trabalho, pois abre muitas portas. Eu também queria fazer mais cursos e estudar, acho que é muito importante nos comunicarmos com o povo brasileiro. E o curso é muito legal, o atendimento é muito bom, e acho que vai abrir muitas portas. Quando estávamos procurando pelo curso, queríamos aperfeiçoar a [nossa forma de] falar em português, para, cada vez mais, melhorar, compreender e ser compreendido pelas pessoas daqui. Agora, estamos trabalhando de forma independente: eu faço alguns bolos e também trabalho com costura. E meu objetivo é trabalhar por conta, conseguir me estabelecer e ter minha independência financeira.





## DOAÇÃO DE ROUPAS

As doações de roupas auxiliaram pessoas de diversas regiões afetadas no Rio Grande do Sul a recomeçar com maior dignidade e segurança. Diante de um inverno aterrador após a enchente, casacos, calçados e outras peças de vestuário foram essenciais para proporcionar qualidade de vida a famílias que se viam somente com a roupa que estavam usando ao sair de casa. Posteriormente, durante 18 meses, também foi graças a esses recursos que muitos conseguiram gradualmente retomar o seu cotidiano.

Foram doadas peças de roupas pelo projeto ao SJMR, encarregado da distribuição às famílias mais necessitadas. Além disso, buscando contemplar um maior número de pessoas ainda não mapeadas, contamos com o apoio de instituições diversas e de associações comunitárias para a distribuição de roupas, localizadas nas cidades de Porto Alegre, Gravataí, Nova Santa Rita, Esteio, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Estância Velha, Montenegro, Lajeado, Arroio do Meio e Caxias do Sul.



*Ação de doação de roupas, São Leopoldo, RS.*

*Fonte: SJMR.*



**Camila da Silva Costa, Brasileira,**  
**Porto Alegre, RS. Fonte: SJMR.**

### **Camila da Silva Costa - Brasileira**

*Meu nome é Camila, tenho 30 anos, sou mãe solo de três filhos e fui uma das afetadas pelas enchentes de 2024 em Porto Alegre. Na época, morava de aluguel no bairro Sarandi, um dos mais atingidos, e perdi tudo o que tinha construído. Foi um momento de muita dor e desespero, especialmente por ver meus filhos sofrendo com a perda da casa, dos brinquedos e até do nosso cachorro, que não conseguimos resgatar. Mas, com o tempo e com o apoio do projeto que nos ajudou, consegui me reerguer. Fui beneficiada com recursos que me permitiram recuperar móveis, roupas e o essencial para recomeçar.*



# RELATOS DA EQUIPE SJMR



Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados

56





### **Arthur Martins, Analista Social Jr de Meios de Vida - SJMR**

Sou Arthur Basto Martins da Silva, tenho 28 anos e sou natural de Florianópolis, Santa Catarina. Desde dezembro do ano passado, integro a equipe de Meios de Vida do Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR), aqui em São Leopoldo (RS). O SJMR é uma obra da Companhia de Jesus que atua assessorando migrantes e refugiados em todo o Brasil, com escritórios em diferentes regiões do país. No nosso escritório, dividimos o trabalho em três setores: Atenção Psicossocial, Proteção Jurídico-Documental e Meios de Vida, setor em que atuo, voltado à empregabilidade e à inserção laboral de migrantes no mercado de trabalho brasileiro. Nosso objetivo é apoiar essas pessoas para que possam reconstruir suas vidas com autonomia e estabilidade financeira.

Quando as enchentes atingiram o Rio Grande do Sul em maio de 2024, eu morava no centro de São Leopoldo, bem em frente ao Rio dos Sinos, uma das áreas mais afetadas. A água subiu de forma muito rápida – em poucas horas já havia cerca de dois metros e meio de altura na frente do meu prédio. Ficamos sem energia e com o celular quase sem bateria. Começamos a nos mobilizar entre os vizinhos, levando móveis e pertences para os andares superiores e acolhendo quem morava nos primeiros andares. As perdas foram grandes, especialmente para quem vivia no térreo.

Quando consegui contato com colegas do SJMR, recebi abrigo e, pouco depois, fui resgatado por um bote. A experiência foi muito marcante. Passei pelos abrigos, vi de perto o sofrimento e a solidariedade das pessoas e percebi o quanto esse momento deixaria lições profundas de empatia e humanidade. Diante do frio e da falta de energia, decidi ir para Florianópolis por um período, onde permaneci por um mês acompanhando, à distância, as ações do SJMR e tentando colaborar como podia. Quando retornei, o cenário ainda era de reconstrução, mas seguimos firmes no trabalho. Hoje, nosso serviço não atende apenas migrantes e refugiados, mas também famílias brasileiras afetadas pela tragédia, pois entendemos que, neste momento, toda ajuda e toda presença solidária são essenciais para recomeçar.

**Arthur Martins, Analista Social Jr  
de Meios de Vida, São Leopoldo, RS.**

**Fonte: SJMR.**



# A IDENTIDADE SUBMERSA: PROTEÇÃO E PRESENÇA NA EMERGÊNCIA

Carolina Padoin, Analista Social Sênior

Maio de 2024 não começou como um mês comum. Começou como um rompimento — rompimento de rotinas, de fluxos, de prioridades. A água que inundou parte do Rio Grande do Sul chegou como um recado de que os fenômenos climáticos podem transformar as dinâmicas sociais.

A água subiu como uma força anárquica, indiferente às lógicas da distinção humana. A água, em si, não reconheceu nacionalidade, raça ou classe. Foi um evento climático totalizante que devastou a todos, criando uma aparente e brutal isonomia que, no entanto, apenas reconfigurou o ponto de partida das desigualdades sociais e econômicas que viriam à tona.

No entanto, essa aparente igualdade diante da força da natureza foi tragicamente efêmera. Assim que a primeira onda de devastação passou e a sobrevivência deu lugar à necessidade de resgate, abrigo e auxílio, as profundas desigualdades estruturais da nossa socie-

dade emergiram da lama com mais força do que nunca. O capital social, a rede de apoio, o domínio do idioma e a segurança documental tornaram-se os verdadeiros barcos de salvação. Foi nesse exato ponto que o desastre deixou de ser universal. Para a população migrante e refugiada que nosso setor de Proteção Jurídica e Documental atende, a catástrofe assumiu contornos de um terror particular: o da invisibilidade.

**“Da lama ao caos, do caos à lama.” (Da lama ao Caos — Chico Science e Nação Zumbi)**

A enchente de 2024 submergiu essas âncoras. Em poucas horas, nosso setor recebeu os primeiros relatos. Não eram pedidos de resgate de barcos, eram pedidos de resgate de identidade. O primeiro desafio, no entanto, não foi profissional; foi pessoal. Nós, técnicos que atuamos no escritório também morávamos em áreas atingidas e fomos afetados, de forma direta ou indireta. Tínhamos água em nossas próprias casas, nas ruas ao redor,

familiares ilhados e passamos longos dias sem abastecimento de água e luz. A enchente nos colocou na posição paradoxal de sermos, simultaneamente, agentes de proteção e vítimas da catástrofe. E como enfrentar os desafios de salvar e ser salvo? De alguma forma, todos nós fomos imersos em uma crise que extrapolou as questões práticas.

O trabalho humanitário como analista jurídica se tornou não apenas uma busca pela identidade documental, mas também uma forma de validação da existência das pessoas atingidas. Em uma catástrofe da escala da enchente de 2024, a ajuda humanitária assume muitas faces. Há a face do resgate, da alimentação, do abrigo, da orientação. E há uma face menos visível, mas crucial: a da sobrevivência legal. A burocracia, rígida por natureza, não foi feita para desastres. Houve a necessidade de uma articulação que subvertesse o fluxo comum, a rotina, a fim de tentar flexibilizar procedimentos, com mutirões de documentação e solicitações de aceitação de documentos vencidos, perdidos ou encharcados, para oportunizar a garantia de identificação, dignidade e visibilidade.

**“No país de destino, os refugiados descobrem que sua identidade foi reduzida a um único fato: não serem cidadãos.” (Nós, Refugiados — Hannah Arendt)**

A água, em sua fúria, levou casas, memórias e empregos. Mas ela também le-

vou algo que define o cidadão no mundo moderno: seus documentos. Meu papel foi atuar, essencialmente, nesse campo. Enfrentamos o desafio de comprovar a identidade mesmo quando não há provas, mesmo quando as águas arrastaram sua identidade enquanto sujeito. E a identidade transita em se perceber como um cidadão que existe, mas está invisível diante das desigualdades que dificultam a superação. No atendimento à população migrante e refugiada, meu trabalho encontrou sua dimensão mais complexa e urgente: se, para o brasileiro, a perda era um pesadelo burocrático, para o migrante era a ameaça do apagamento. Diante do caos, a atuação profissional não se desvincula da humanidade — que trazia consigo o retorno da existência, da visibilidade dos sujeitos de direitos impactados pelo desastre — e, assim, foi preciso criar pontes para superar a correnteza.

**“O mar não tem identidade, por isso é que tem tantas. E nós, que temos uma só, tanto nos custa a guardar.” (Mar me Quer — Mia Couto)**

Meu papel foi estar na linha de frente da burocracia, usando o conhecimento técnico não apenas para reconhecer, mas para auxiliar na reconstrução de identidades. O trabalho humanitário como analista jurídica, nesse contexto, foi baseado na escuta, na orientação e no acolhimento; foi sobre devolver o nome, a identidade e, com isso, a dignidade.





# ENCERRAMENTO: desafios, aprendizados e conquistas do projeto

**Gabriel Gerardo Lizarraga Arias, Analista Social Júnior**

**Luciana Saab, Coordenadora de Projetos do escritório São Leopoldo**

As águas de chuvas como as que caíram sobre o Rio Grande do Sul em maio de 2024 não fazem distinção entre nacionalidades, culturas, cores e crenças. Elas tampouco respeitam fronteiras ou convenções sociais, impactando todos aqueles em seu caminho. Eventos climáticos como os ocorridos no estado somente nos recordam a igualdade que existe entre comunidades e as alegrias e dores que compartilham todas as pessoas. Esses fenômenos nos lembram, também, que as mudanças climáticas já são uma realidade e representam um desafio comum a todos nós, que deve ser enfrentado através de uma colaboração em rede, aproximando sociedade civil, governos e organizações internacionais para uma resposta articulada e abrangente.

A crise humanitária, social e ambiental causada por eventos climáticos extremos revela, no entanto, que há particularidades no impacto sofrido por deter-

minadas comunidades. Além das perdas materiais, famílias migrantes e refugiadas enfrentaram barreiras culturais, sociais e institucionais durante e após o período das enchentes. A situação de vulnerabilidade a que foram submetidas diante das chuvas incessantes no Rio Grande do Sul é ainda mais significativa, considerando que não se trata da primeira vez que tiveram de abandonar seus lares em busca de segurança e proteção, mas de um novo momento de perda e reconstrução, em terras onde já buscavam acolhida e um recomeço. O episódio reforça a necessidade de integração das políticas migratórias com planos de gestão de risco e adaptação climática, garantindo que futuras emergências considerem as especificidades dessa população. Ele também evidencia a importância de iniciativas colaborativas, como a parceria entre o SJMR e o Entreculturas, na prestação de apoio e assistência humanitária a grupos com demandas e necessidades diferenciadas.

O ano e meio acompanhando esse projeto foi um tempo de grandes aprendizados, desafios e, acima de tudo, de reencontros com o sentido mais profundo da missão do SJMR: acolher, proteger, promover e integrar pessoas migrantes e refugiadas. Quando iniciamos a implementação da resposta humanitária, não imaginávamos a dimensão que o projeto alcançaria no Rio Grande do Sul. As enchentes, a insegurança habitacional e alimentar colocaram milhares de famílias em risco. Em meio a esse cenário de dor e incerteza, o projeto tornou-se um sinal de esperança concreta. Nosso compromisso foi chegar

até as famílias mais afetadas, escutá-las e compreender suas realidades. Foi um processo intenso, humano e transformador. Cada visita, cada cadastro e cada entrega representavam muito mais do que um apoio financeiro — eram gestos de dignidade e reconhecimento.

As famílias migrantes e refugiadas, muitas vindas de países como Venezuela, Haiti e Colômbia, encontraram no projeto não apenas auxílio material, mas também um espaço de escuta, confiança e fortalecimento. Do ponto de vista pessoal e institucional, trabalhar no SJMR nesta iniciativa significou viver a solidariedade de forma concreta. A presença nas comunidades, o contato direto com as pessoas e a possibilidade de responder rapidamente às emergências nos fizeram repensar nosso papel como instituição. Aprendemos que, diante das catástrofes, não basta apenas reagir — é preciso também criar vínculos, construir redes e fortalecer a autonomia das famílias. O apoio financeiro aos núcleos familiares foi essencial para que muitos pudessem reconstruir suas vidas, recuperar pertences básicos, garantir alimentação, pagar aluguel ou comprar materiais para recomeçar. Mas o impacto foi além do econômico: vimos sorrisos renascerem, vimos pessoas retomando seus sonhos e sentindo-se novamente parte da sociedade.

Esse período também nos deixou lições profundas. Aprendemos sobre a importância da escuta ativa, sobre o valor da colaboração entre organizações e comu-





nidades, e sobre a força das mulheres e dos jovens migrantes, que foram protagonistas na superação das dificuldades. A atuação conjunta com outros atores sociais e com o poder público mostrou que, quando há união e propósito, os resultados são muito mais significativos. Institucionalmente, para o SJMR, esse projeto representou uma experiência de reafirmação da missão e de fortalecimento interno. Aprimoramos nossos processos, nossa capacidade de resposta e nossa presença no território. Foi também um momento de crescimento humano e profissional para toda a equipe envolvida — um período que exigiu empatia, agilidade e compromisso ético.

Olhando para o futuro, o sentimento que fica é de esperança e continuidade. Sabemos que ainda há muito a fazer: muitas famílias seguem vulneráveis, e os efeitos das mudanças climáticas continuarão afetando desproporcionalmente as pessoas migrantes e refugiadas. Mas também sabemos que estamos mais preparados, mais próximos das comunidades e mais conscientes da nossa força coletiva. Encerramos este ciclo com gratidão — à Entreculturas, pela confiança e parceria; ao SJMR, pela visão humanitária e compromisso social; e, principalmente, às famílias migrantes e refugiadas, que nos ensinaram que, mesmo nas maiores dificuldades, é possível recomeçar com coragem e fé.

O projeto realizado no Rio Grande do Sul não foi apenas uma resposta emergencial: foi um testemunho vivo de solidariedade, humanidade e esperança.





# INFOGRÁFICO:

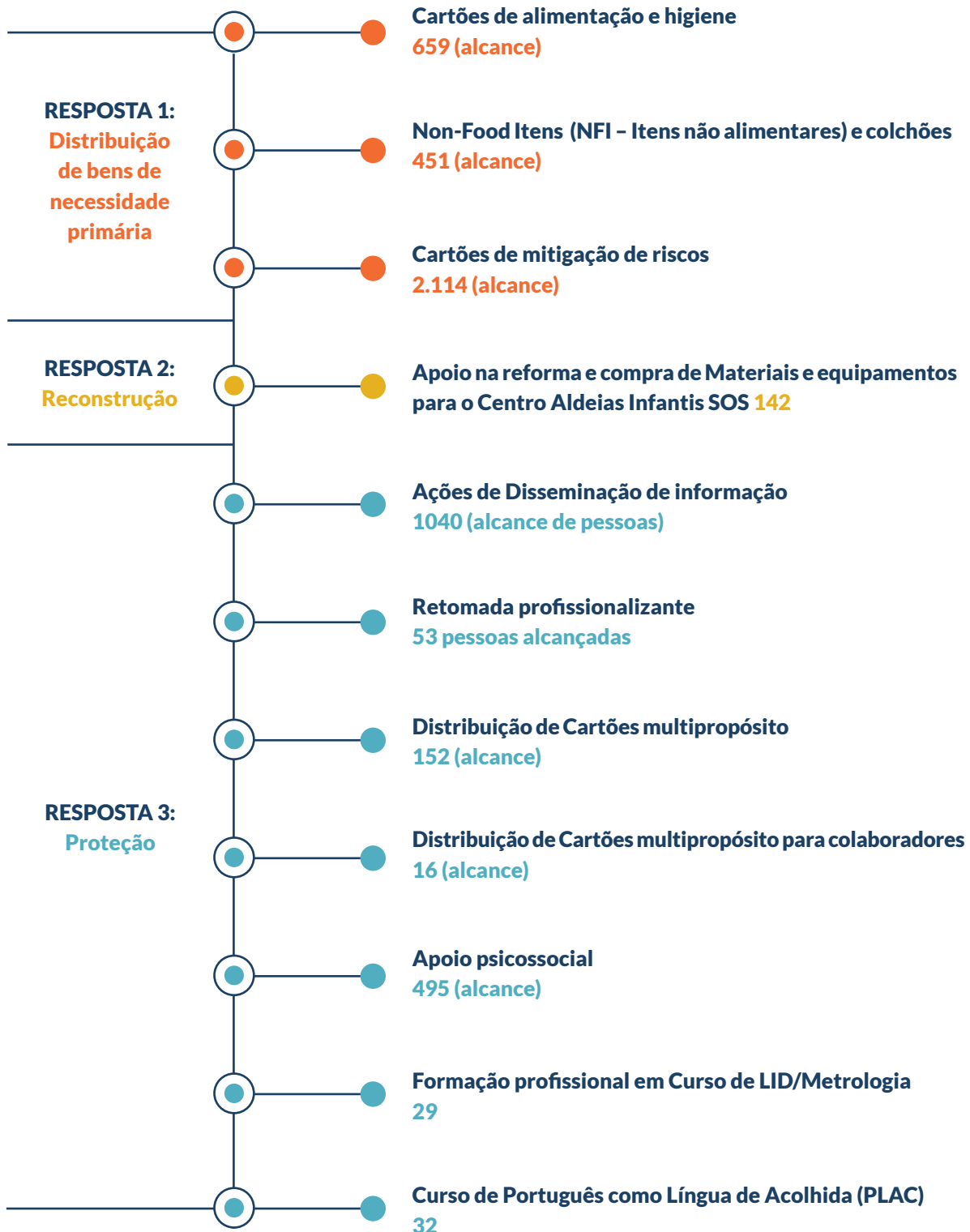
## resposta emergencial em números



Em suma, o projeto *Respuesta de Emergencia – Inundaciones Rio Grande do Sul*, parceria entre SJMR São Leopoldo e Entrecultura INDITEX atuou na resposta pós-emergencial diante da maior enchente que assolou o Rio Grande do Sul em 2024 e ao longo de 18 meses pode atender um total de 6.766 de pessoas afetadas, entre elas migrantes, refugiados e brasileiros, residentes em São Leopoldo, Porto Alegre e Região Metropolitana, Vale do Rio dos Sinos, Vale do Taquari e Serra Gaúcha.

O Projeto foi estruturado para atuar na resposta emergencial em parceria com instituições governamentais municipais, estaduais e federal, organizações da sociedade civil, organismos Internacionais, no fortalecimento dos mecanismos de proteção e nas estratégias de reconstrução. A seguir apresentamos os resultados quantitativos do alcance total do projeto.

# RESPOSTA DE EMERGÊNCIA



# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



**ACNUR.** *Nota situacional – Enchentes no Rio Grande do Sul: impacto humanitário sobre pessoas refugiadas e migrantes.* Brasília: Agência da ONU para Refugiados, 2024. Disponível em: <https://www.acnur.org/brasil/>. Acesso em: 29 out. 2025.

**ACNUR BRASIL.** *Emergência Enchentes Rio Grande do Sul – Relatório 2024.* Brasília: Agência da ONU para Refugiados, nov. 2024. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/sites/br/files/2025-01/202411-emergencia-enchentes-rio-grande-do-sul.pdf>. Acesso em: 29 out. 2025.

**AGÊNCIA GOV.** 876 mil pessoas foram diretamente atingidas pelas enchentes no Rio Grande do Sul. Brasília: Governo Federal do Brasil, jul. 2024. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202407/876-mil-pessoas-foram-diretamente-atingidas-pelas-enchentes-no-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 29 out. 2025.

**AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS.** Estudo aponta que enchentes de 2024 foram maior desastre natural da história do RS e sugere caminhos para futuro com eventos extremos mais frequentes. **Portal GOV**, [S.l.], 30 abr. 2025. Disponível em: Estudo aponta que enchentes de 2024 foram maior desastre natural da história do RS e sugere caminhos para futuro com eventos extremos mais frequentes – Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA). Acesso em: 20 out. 2025.

**ALDEIAS INFANTIS SOS BRASIL.** Relatório de ações emergenciais – Enchentes RS 2024. Porto Alegre: Aldeias Infantis SOS, 2024. Documento interno.

**BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente.** Boletim Epidemiológico – Enchentes no Rio Grande do Sul, 2024. Brasília: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/>. Acesso em: 29 out. 2025.

**BRIGADA MILITAR DO RIO GRANDE DO SUL.** Revista Histórica Enchentes 2024. Porto Alegre: Brigada Militar do RS, dez. 2024. Disponível em: <https://www.bm.rs.gov.br/upload/arquivos/202412/12093025-revista-historica-enchentes-2024-web.pdf>. Acesso em: 29 out. 2025.

**FAO.** Panorama Regional de Segurança Alimentar e Nutrição 2024. Santiago: Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, 2024. Disponível em: <https://www.fao.org/americas/news/news-detail/panorama-2024/pt>. Acesso em: 29 out. 2025.

**LEMAINSKI, Jorge.** Audiência Pública da Comissão Externa: Retomada das atividades econômicas, relacionadas ao Agro, e reconstrução dos municípios gaúchos afetados pelas enchentes de 2023 e 2024. Apresentação do Power Point. Brasília: Câmara dos Deputados, 13 ago. 2024. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/externas/57a-legislatura/danos-causados-pelas-enchentes-no-rio-grande-do-sul/apresentacoes-em-eventos/2024.08.13JORGE-LEMAINSKIChefeGeraldaEMBRAPATrigo.pdf>. Acesso em: 21 out. 2025.

**MUNHOZ, Fábio.** Enchente afetou quase 12% da população de Porto Alegre; veja números sobre o impacto da chuva na cidade. **CNN**, São Paulo, 16 mai. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/enchente-afetou-quase-12-da-popula>





cao-de-porto-alegre-veja-numeros-sobre-o-impacto-da-chuva-na-cidade. Acesso em: 20 out. 2025

**NAÇÕES UNIDAS.** *Mudança climática pode levar 5,9 milhões de crianças e jovens à pobreza na América Latina.* **ONU News**, [S.l.], 27 ago. 2025. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2025/08/1850813>. Acesso em: 29 out. 2025.

**OLEGÁRIO, Micael.** *Refugiados afetados por enchentes no sul encaram incertezas sobre reconstrução e ajuda humanitária.* **Projeto Colabora**, [S.l.], 20 jun. 2025. Disponível em: Refugiados afetados por enchentes no sul encaram incertezas sobre reconstrução e ajuda humanitária - #Colabora. Acesso em: 21 out. 2025.

**ONU; UNICEF; CEPAL.** *Impacto da mudança climática na pobreza infantil e juvenil na América Latina.* **UOL Notícias**, [S.l.], 27 ago. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2025/08/27/seis-milhoes-de-jovens-da-america-latina-cairao-na-pobreza-ate-2030-por-mudanca-climatica-diz-onu.htm>. Acesso em: 29 out. 2025.

**ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM).** *Relatório sobre saúde mental e apoio psicossocial em contextos de desastre.* Brasília: OIM Brasil, 2024. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br>. Acesso em: 29 out. 2025.

**PREFEITURA DE PORTO ALEGRE.** *Porto Alegre Forte.* Apresentação do Power Point. Porto Alegre, 2 mai. 2025. Disponível em: [https://prefeitura.poa.br/sites/default/files/usu\\_doc/noticias/2025/05/02/Porto%20Alegre%20Forte.pdf](https://prefeitura.poa.br/sites/default/files/usu_doc/noticias/2025/05/02/Porto%20Alegre%20Forte.pdf). Acesso em: 20 out. 2025

**RBS TV; G1 RS.** *Rio Taquari passa dos 30 metros e atinge o maior nível da história no RS.* **G1**, [S.l.], 2 mai. 2024. Disponível em: Rio Taquari passa dos 30 metros e atinge o maior nível da história no RS. Acesso em: 21 out. 2025.

**ROCHA, Stefany.** *Quase um ano após enchentes, nova ponte entre Lajeado e Arroio do Meio será liberada para trânsito.* **ABC Mais**, [S.l.], 9 abr. 2025. Disponível em: <https://www.abcm.com/brasil/rio-grande-do-sul/quase-um-ano-apos-enchentes-nova-ponte-entre-lajeado-e-arroio-do-meio-sera-liberada-para-transito-saiba-mais>. Acesso em: 21 out. 2025.

**SERVIÇO JESUÍTA A MIGRANTES E REFUGIADOS (SJMR BRASIL).** *Relatório de campo - Atendimento a migrantes e refugiados afetados pelas enchentes no Rio Grande do Sul.* São Leopoldo: SJMR Brasil, 2024. Documento interno.



Serviço  
Jesuíta a  
Migrantes e  
Refugiados  
BRASIL



Boa Vista/RR  
Manaus/AM  
Brasília/DF  
Belo Horizonte/MG  
São Leopoldo/RS

[comunicacao@sjmrbrasil.org](mailto:comunicacao@sjmrbrasil.org)

 [@sjmrbrasil](https://www.instagram.com/sjmrbrasil)

 [/sjmrbrasil](https://www.linkedin.com/company/sjmrbrasil)

 [@sjmrbrasil](https://www.youtube.com/sjmrbrasil)

 [/sjmrbrasil](https://www.facebook.com/sjmrbrasil)



JESUÍTAS BRASIL